

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

REDACTOR: GOMES DOS SANTOS

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 15200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 15000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

ASPECTOS SOCIAES

Os mendigos

Olháe, vós que passáes por essas ruas embebidos no inebriamento do sonho ou passeiando o estomago satisfeito, olháe para essas figuras esqueleticas que se escoam nos cunháes das portas e que estendem a mão descarnada á caridade publica. São aos milhares; pullulam por toda a parte; existem nas maiores cidades e no mais pequeno burgo.

São os parias da civilização, os que a miseria relegou quasi para um mundo áparte onde não penetram as alegrias puras do lar nem os sorrisos alegres das creanças. Pedem, porque o pedir é lei e se a caridade dos que passam não lhes mitiga a dor immensa de se encontrarem no mundo como n'um exilio, não terão que comer, passarão os sete circulos dantescos de todas as privações.

Outr'ora éra differente. Havia pobres tambem, mas a miseria éra menor porque era maior caridade. O sentimento christão levára a toda a parte, com as palavras de esperança, a generosidade infundavel e inexgotavel da sua doutrina de amor; o homem não era um lobo para um homem; a mesma crença irmanára o pobre e o rico, confundindo-os ante os altares e confundindo-os ainda na satisfação das necessidades da vida porque as sobras de um iam completar as insufficiencias do outro.

Hoje o aspecto é differente. A religião, a moral christã foram expulsas dos corações que se empederniram ao contacto do egoismo e materialismo grosseiro que zvasalam e subjugam a epoca presente. A flôr da caridade morreu, porque a lei moral deixou tambem de existir quando os corações se fecharam aos ensinamentos do christianismo.

Por isso os excessos dos ricos já não vão mitigar a fome e sede dos pobres; se se dá, é por ostentação, por vaidade, por interesse e poucas vezes por caridade sincera. D'ahi deriva o augmento da pobreza, o crescimento da miseria e aquelle que uma vez se sentiu precipitado nos horrores da fome já não tem mão amiga, protectora, bemfazeja que de lá o arranque.

Esses passam a constituir a legião dos vencidos da vida; e, se ainda creem, são mais felizes do que os ricos

porque esperam a compensação dos seus soffrimentos e agonias tragicas. Não teem logar no banquete da vida, porque d'ahi os expulsa o egoismo; mas alcançarão melhor logar do que os poderosos da terra quando transitarem para a vida futura.

A caridade foi expulsa da maior parte da humanidade e veiu refugiar-se apenas nos arraiaes catholicos onde a sua bandeira de amor continua a tremular. Mas os catholicos sinceros são poucos e os mendigos são muitos.

E, por isso, havemos de continuar por muito tempo a vêr, quando passamos, essas figuras esqueleticas que se escôam nos cunhaes das portas e que estendem a mão á caridade publica...



Santos Marcellino e Pedro, Martyres

paganda; pende ao serviço da causa do Bem a vossa palavra, a vossa penna, todos os vossos recursos. Abri as consciencias para a luz; fazei guerra sem treguas ao velho egoismo humano; seja cada um de vós a sentinella implacavel junto das paixões dos ricos e tereis resolvido o problema da miseria.

Quando o mundo regressar, cansado d'uma lucta estiolante, aos principios christãos, são desnecessarias as leis, os decretos, as medidas attinentes a remediar transitoriamente o mal.

Dae—não por ostentação, nem por vaidade, mas por amor. E na outra vida o que tiverdes dado resultará para vós em incomparaveis beneficios.

*
A mendicidade é uma chaga social. Os loucos que andam por ali, ha um seculo, a prégar utopias, ainda não remediaram o problema da miseria que, no fundo, como muito bem escreveu Leão XIII, é um problema inteiramente moral.

Obrigar o rico a dar, como faz o socialismo com a sua dynamite e o seu terror, é nada; despertar n'elle a caridade inexgotavel, como faz a religião catholica, é tudo. O que se dá por força não fecunda; o que se dá por amor fructifica.

Philosophos que prégaes novas doutrinas; escriptores que correis em busca do Ideal; artistas que viveis na contemplação d'uma sociedade utopica—o vosso verbo, a vossa aspiração, a vossa contemplação não conseguem minorar a miseria da terra.

Instillae nas consciencias a doutrina christã, a moral evangelica d'Aquelle que norreu pela humanidade, redimindo-a; procurae favorecer a nossa propa-

ENCYCLICAS

Da Santissima Eucharistia

(Continuação)

Aos Nossos veneráveis irmãos Patriarchas, Primazes, Arcebispos, Bispos e outros Ordinarios em paz e communhão com a Sé Apostolica

Leão XIII, Papa

Veneráveis Irmãos. saude e benção apostolica

Christo quiz, pois, quando instituiu este augusto sacramento, reanimar a caridade para com Deus e por este meio despertar a caridade mutua entre os homens; é evidente, com effeito, que esta nasce da primeira, em consequencia da sua propria natureza; e, por assim dizer, deriva espontaneamente d'ella. E' impossivel que ella deixe a desejar no que quer que seja, e, mais ainda, ella será sempre ardente e vigorosa se os homens meditarem com attenção sobre a caridade que lhes testemunha Christo neste sacramento; nelle, assim como manifestou d'um modo brilhante o seu poder e sabedoria, tambem espalhou as riquezas do seu divino amor para com os homens.

Pensando neste exemplo de Christo, que nos dá liberalmente todos os seus bens, quanto nós nos devemos amar e ajudar-nos uns aos outros, unidos pelos laços fraternaes cada dia mais estreitos! Acrescentemos que os proprios signaes que constituem este sacramento são proprios para nos excitar com muita opportunidade á caridade mutua. A este respeito escreveu S. Cypriano: *Emfim, os proprios sacrificios do Senhor significam a universalidade dos christãos unidos entre si por uma caridade solida e indissolvel. Effectivamente, quando o Senhor chama o «seu corpo» a este pão que é formado pela reunião de numerosos grãos, indica a união do nosso povo; e quando chama «seu sangue» ao vinho extrahido de milhares de bagos de uva que formam uma só massa liquida, indica da mesma forma o nosso rebanho, que é constituído pela reunião d'uma multidão de homens que se approximaram uns dos outros.* (Ep. 69 ad Magnum, n. 5). Da mesma forma, o doutor Angelico, inspirando-se em Santo Agostinho, escreveu: *Nosso Senhor confiou o seu corpo e o seu sangue a estas substancias que são formadas de multiplices elementos reunidos num só corpo; é em primeiro lugar o pão que se compõe de muitos grãos reunidos; depois o vinho, massa liquida que provém tambem de innumeraveis grãos, e é porque Agostinho diz algures: «O sacramento de piedade, ó signal de unidade, ó laço de caridade».* (Summa theol., III p., q., LXXIX 2. 1).

Todos estes ensinamentos são confirmados pelo juizo do concilio de Trento que diz que Christo deixou a Eucharistia á sua Igreja «como o symbolo da unidade d'esta e da caridade pela qual quiz que fossem unidos e ligados todos os christãos... ó symbolo d'aquelle só corpo de que Elle foi a cabeça e cujos membros Elle quiz que fossem unidos pelos estreitos laços da fé, da esperanza e da caridade.» (Sess. XIII, De Eucharist., II). E' o que tambem ensinou S. Paulo. «Porque, ainda que em grande numero, nós somos um só corpo, nós todos que participamos d'um só pão.» E é este, por certo, um bello e dulcissimo exemplo da fraternidade christã e da egualdade social, esta confusão na qual se agrupam ao pé dos altares o patricio e o homem do povo, o rico e o pobre, o douto e o ignorante, todos participando igualmente do mesmo festim celeste.

E' por isso que com justiça nos annaes dos primeiros tempos da Igreja se faz uma gloria especial do facto da

multidão dos crentes constituirem um só corpo e uma só alma. (Act. IV, 92); ora está nitidamente estabelecido que este resultado se deve á frequencia da divina meza e temos, sobre isto, a respeito dos primeiros christãos: *Perseveravam na doutrina dos apóstolos, na communhão da fracção do pão.* (Act, II, 42).

Além d'isso, o beneficio da caridade mutua entre os vivos, que haure no sacramento eucharistico tanta força e extensão, espalha-se principalmente pela virtude do sacrificio sobre todos os que estão comprehendidos na communhão dos santos. Ninguem o ignora: a communhão dos santos não é outra cousa que uma troca de auxilios, de expiações, de orações, de beneficios entre os fieis, seja porque elles tenham ganho a patria celeste, seja porque elles tenham sido condemnados ao fogo do purgatorio, seja, finalmente, porque elles continuem a viajar na terra; todos estão unidos para formar uma só cidade cujo chefe é Christo e cuja formula é a caridade.

Ora, eis o que nos ensina a fé: comquanto nos não seja permitido offerecer senão a Deus o augusto sacrificio, contudo podemos-o celebrar em honra dos santos que reinam nos ceus com Deus que os coroou, e isto afim de nos conciliar o seu patronato, afim de pagar as faltas dos nossos irmãos que, tendo morrido no Senhor, ainda não expiram completamenee as suas culpas.

A caridade sincera, que tem por costume tudo fazer e tudo soffrer para a salvação e o bem de todos, deriva, ardente e activa, da santissima Eucharistia, na qual se apresenta vivo o proprio Christo, na qual Elle se abandona sobretudo ao seu amor para conosco, e na qual emfim, arrastado pelo impulso da caridade divina, renova perpetuamente o seu sacrificio. Vê-se assim claramente em que fonte os homens apostolicos hauriram a força para os seus duros trabalhos e d'onde as instituições catholicas, tão numerosas e variadas, que prestam os maiores serviços á familia humana, tiram a sua inspiração, a sua força, a sua perpetuidade e os seus felizes resultados.

Não duvidamos que estes breves ensinamentos relativos a um assumpto tão vasto sejam fructuosos em fructos abençoados pelo rebanho christão, se, por vossos cuidados, veneráveis irmãos, forem opportunamente expostos e recomendamos á attenção dos fieis. Mas este sacramento é tão grande e tão rico em virtudes de toda a especie que nunca ninguem lhe podia attribuir todos os louvores e prestar-lhe todo o culto piedoso que elle merece. Quer o mediteis devotamente, quer o adoreis segundo as regras, quer sobretudo o recebaes com uma consciencia pura e santas disposições, deve ser olhado como o centro no qual reside a vida christã; todos os outros modos da piedade, quaesquer que ellas sejam, tem na Eucharistia o seu fim e o seu termo. E' sobretudo para este mysterio que nós tendemos e n'elle se realisa cada dia o benevolente convite de Christo: *Vinde a mim, vós todos que estades fatigados e carregados; eu vos aliviarei.* (Cath., XI, 28).

Este mysterio é como a alma da Igreja; é para elle que a propria plenitude da graça sacerdotal ascende pelos diversos graus das ordens.

E nelle ainda que a Igreja haure e possui toda a sua virtude e toda a sua gloria, toda a riqueza das graças divinas, todos os bens que espalha no mundo; põe por isso os seus melhores cuidados em preparar e conduzir os fieis a uma intima união com Christo por meio do sacramento do seu Corpo e do seu Sangue; pelo mesmo motivo torna este sacramento mais veneravel ainda cercando-o de religiosissimas cerimoniaes.

A perpetua sollicitude que a Igreja, nossa mãe, testemunha sobre este ponto, é eloquentemente posta em relevo por uma exhortação que foi publicada no santo concilio de Trento e que respira uma caridade e uma piedade

admiráveis. Merece plenamente que o povo christão a receba de Nós integralmente reproduzida: «O santo synodo adverte com um affecto paterno, exhorta, roga e conjura, pelas entranhas da misericordia do nosso Deus, todos os que teem o nome de christãos, a que se unam enfim e encontrem a bôa harmonia neste signal de unidade, neste laço da caridade, neste symbolo de concórdia. Que elles se recordem de tão grande magestade e de tão admiravel amor de Jesus Christo Nosso Senhor que deu a sua alma bem amada como penhor da nossa salvação e que nos deixou o seu corpo como alimento; que os fieis creiam e venerem estes mysterios sagrados do corpo e do sangue de Christo com uma fé tão constante e tão firme, com uma devoção, uma piedade e um respeito taes que elles possam receber frequentemente este pão supersubstancial e que este seja verdadeiramente para elles a saúde perpetua do espirito e do coração; que, fortificados por este alimento, possam, no termo da miseravel viagem terrestre, alcançar a celeste patria ou aquelle mesmo Pão dos anjos que, se agora comem sob um veu sagrado, o comerão depois sem veu algum.» (Sess. XIII, De *Eucharist*, c. VIII).

A historia é testemunha que a vida christã foi sobretudo florescente entre o povo nas epochas em que a recepção da Eucharistia era mais frequente. Ao contrario, um outro facto não menos estabelecido, é que habitualmente, quando os homens desprezam o pão celeste e por assim dizer teem repugnancia por elle, vê-se diminuir d'um modo sensível o vigor da fé christã. Para que ella se não desvança inteiramente, Innocencio III tomou uma medida muito sabia, quando, no concilio de Latrão, ordenou, sob penas severas, que, ao menos nas solemnidades pascaes, nenhum christão se abstinisse da communhão no corpo do Senhor. Mas é evidente que este preceito foi dado com magua e como remedio extremo; foram sempre, com effeito, os votos da Igreja que em todas as festas os fieis tomassem parte n'este banquete divino. «O Santo Synodo desejaria que a cada missa os fieis assistentes não fizessem sómente a communhão espirital, mas ainda que recebessem sacramentalmente a Eucharistia; assim os fructos d'este santissimo sacrificio seriam para todos em maior abundancia.» (Conc. Trid., XXII, VI).

Este mysterio augustissimo não abunda sómente em fructos abençoados para cada homem em particular, mas ainda por todo o genero humano; e é por isso que a Igreja tem por costume offerel-o assiduamente, para a salvação do mundo inteiro. Convem que os piedosos christãos unam os seus esforços para que este sacrificio seja o objecto d'um respeito e d'um culto continuamente crescentes; é isto mais do que nunca necessario na nossa epocha. Assim nós queremos que as suas multiples virtudes sejam melhor conhecidas e mais attentamente meditadas.

Os principios seguintes estão nitidamente estabelecidos pelas proprias luzes materiaes: o poder de Deus creador e conservador sobre os homens, considerados quer sob o ponto de vista publico quer sob o de particulares, é supremo e absoluto; tudo o que somos e tudo o que temos de bom, em particular ou publicamente, é á liberdade de Deus que o devemos; em compensação é preciso que lhe testemunhemos o maior respeito, como a Nosso Senhor, e a mais viva gratidão, por causa dos seus preciosissimos beneficios. E, comtudo, quantos homens se encontram hoje que lhe prestam estas homenagens com a piedade que convem? Se houve algum seculo que levantasse bem alto o espirito de rebellião para com Deus, é o nosso, no qual se ouve de novo contra Christo esta palavra impia: *Nós não queremos que Elle reine sobre nós* (Lucas, XIV, 14) e esta proposição criminosa: *Arranquemol-o do meio de nós* (Jer. XI, 19) um grande numero de homens levam a lou-

cura e a violencia até banir Deus de todo o agrupamento civil e de toda a sociedade humana.

Sem duvida não se chegou ainda por toda a parte a este grau de demencia; comtudo é deploravel ver grande numero de homens esquecidos da divina Magestade dos seus beneficios, e sobretudo da salvação que nos foi prometida por Christo. Mas, apesar d'isso, é preciso que esta preversidade tão grave seja reparada por um redobramento de ardor de piedade commum para com o sacrificio eucharistico; nada pôde melhor honrar Deus que esta devoção, nada que lhe seja mais agradavel. Porque é divina a victima que nós immolamos; por elle attribuímos á augusta Trindade uma honra igual á que exige a sua immensa dignidade; além d'isso, offerreccimos ao Pai um presente d'um preço e d'uma doçura infinitas: o seu Filho unico; dahi resulta que não sómente nós rendemos graças á sua benevolencia, mas que verdadeiramente satisfazemos uma divida para com elle.

E'-nos ainda dado e nós temos por dever recolher um outro fructo precioso d'este sacrificio. Não se pôde pensar sem afflicção no diluvio de torpezas que se espalham por toda a parte, desconhecendo-se e desprezando-se o poder divino. Realmente, o genero humano parece em grande parte chamar sobre si a colera divina; e, de resto, a seara das faltas está já tão madura que Deus não tardará a colhe-la. É preciso pois animar o piedoso zelo dos fieis, convidando-os a esforçar-se por apasiguar este Deus que castiga os crimes e tambem para obter os seus opportunissimos auxilios em favor d'um seculo eivado de males. Estes resultados devem ser pedidos sobre tudo pela virtude do sacrificio; effectivamente é sómente graças á efficacia da morte soffrida por Christo que os homens podem satisfazer completamente aos interesses da divina justiça e obter tambem em abundancia os beneficios da vida eterna. Mas esta virtude que se exerce, quer por expiação, quer pela oração, quiz Christo que residisse inteira e d'um modo permanente na Eucharistia; este sacrificio não é por isso uma vã e simples commemoração da sua morte, mas uma verdadeira e maravilhosa renovação d'esta morte, ainda que ella seja incruenta e mystica.

De resto apraz-nos declarar que estamos possuidos d'uma alegria vivissima, constatando que, durante estes ultimos annos, nas almas dos fieis começaram a renovar-se o respeito e o amor para com o sacramento da Eucharistia; este despertar inspira-nos a esperanza animadora de ver nascer tempos melhores e uma situação mais florescente. Como dissemos no principio, uma piedade activa creou n'esta ordem de ideias numerosas instituições, notavelmente associações que teem por fim augmentar o brilho dos ritos eucharisticos, adorar dia e noite o augusto Sacramento e reparar os ultrages e sacrilegios de que elle é objecto. Comtudo, Veneráveis Irmãos, não Nos é permittido, nem a vós descarmos sobre os resultados obtidos; resta muito a fazer, ha muitas instituições a crear, para que este presente, entre todos divino, seja cercado de maior brilho e honra entre aquelles que cumprem os deveres da religião christã e para que tão grande mysterio seja honrado com a piedade de que é digno.

E' por isso que as obras ja existentes devem ser desenvolvidas dia a dia, como por exemplo, as confrarias eucharisticas, as supplicas dirigidas ao Santissimo Sacramento exposto, as procissões solemnes em sua honra, as piedosas genuflexões deante dos divinos tabernaculos e outras praticas do mesmo genero, santas e saltares; além d'isso importa emprehender tudo o que uma sabia piedade suggira sobre esta materia.

Mas é preciso sobretudo trabalhar para fazer reviver, em todas as nações catholicas, a recepção frequente da Eucharistia. E' o que nos ensinam os exemplos da Igreja

nascente que recordámos mais acima, bem como os decretos dos concilios, as auctoridades dos Padres e dos mais santos homens de todas as epochas. Da mesma forma que o corpo, a alma tem necessidade de tomar muitas vezes o seu alimento; ora a santa Eucharistia fornece-lhe um alimento mais que nenhum outro fortificante.

E' preciso abolir inteiramente os preceitos daquelles que são hostis a esta doutrina, os vãos receios d'um grande numero de homens, os motivos especiosos de se absterem da communhão. Trata-se de uma devoção que será mais util do que todas as outras ao povo Christão, quer para arrancar as gerações presentes ao goso pernicioso dos bens instaveis, quer para reanimar e manter d'um modo constante os sentimentos christãos. Seguramente, as exhortações e os exemplos dos homens que pertence ás classes elevadas, e sobretudo, o esclarecido zelo do clero, terão n'esta materia um grande pezo. Os Padres, aos quaes Christo Redemptor confiou a missão de distribuir os mysterios do seu Corpo e do seu Sangue, não poderão fazer nada de melhor para reconhecerem a grandissima honra que receberam, do que promover por todos os meios a gloria eucharistica de Christo e, conformemente aos desejos do seu divino coração, convidar as almas dos homens a retemperar-se salutarmente num tal sacramento e num tão grande sacrificio.

Possam — e Nós o desejamos vivamente — os fructos excellentes da Eucharistia tornarem-se dia a dia mais numerosos, possam a fé a esperança e a caridade, numa palavra todas as virtudes christãs, augmentar continuamente e assegurar a cura e o progresso da propria sociedade de Deus, brilhar com fulgor sempre crescente, esse Deus que instituiu *para a vida do mundo* a perpetuidade d'um tal mysterio.

Exultando pela esperança d'estes abençoados resultados, Veneraveis Irmãos, como penhor dos favores divinos e em testemunho da Nossa caridade, concedemos muito affectuosamente a benção apostolica a cada um de vós, ao vosso clero e ao vosso povo.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, a 28 de maio, na vespera da solemnidade do Santissimo Sacramento, de 1902, vigessimo quinto anno do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII. Papa.

ESTUDOS

O perigo socialista

Os systemas, positivos ou metaphysicos, reacs ou de ordem puramente especulativa, não apparecem na humanidade, delineados em conjuncto total, sem um largo periodo de precursão. Considera-se o socialismo — a maior especulação social que no ultimo seculo se affirmou — como um regimen moderno; e, em realidade, os seus precursores veem de seculos. O socialismo procede da antiguidade grega, refundiu-se nos seculos medievos, imprimiu caracter á revolução franceza, e só se apoderou dos espiritos quando a situação da humanidade, preparada pela lenta evolução das leis historicas, tornou passivel a germinação da utopia. O socialismo apparece-nos assim quasi tão antigo como o mundo. Mas porque rasão só o seculo XIX se lembrou de dar ao problema social um novo caracter e collocar, na ordem do dia, um systema irrisorio, cheio de desvairamentos e exageros, repleto de absurdos, composto de erros e falsificações da logica? E' o que não podemos saber sem estudarmos as origens do socialismo.

O estudo dos precursores é indispensavel para a boa

compreensão do que seja essa doutrina. Desde Platão até aos nossos dias, na extensa galeria dos precursores e fundadores avultam os doentes, os doidos, os desequilibrados, os individuos inferiormente tarados, como o leitor terá occasião de reconhecer. A somma collectiva dos esforços de doutrinarios de tal calibre veio trazer ao mundo a anarchia, a desordem e a revolta permanente. Evidentemente, a primeira condição da utopia é não ser realisavel; e como o ideal preconcebido nunca possa ser atingido, é obvio que só uma nova corrente educadora dos espiritos facilmente impressionaveis poderá destruir a mortifera obra do socialismo. O papel principal cabe aqui, não só á intelligencia, mas tambem ao bom senso. Elle é que pode vibrar os golpes mais seguros e mais firmes contra os erros que constantemente vemos espalhados, n'uma sêde enorme de desorientar a humanidade, levando-a a um estado de anarchia intellectual e material que será, para o mundo em que habitamos, um cataclysmo da peor especie.

Depois, o socialismo, pela habilidosa falsificação da logica, e até pelo seu proprio absurdo, que em determinados casos supprime o raciocinio, tem recrutado adeptos inconscientes nas camadas que, pela sua illustração, menor contingente deviam offerecer a esse recrutamento. Theoria da moda, espalhada com tal tenacidade que hoje passa por inepto aquelle que não tiver uns laivos de socialismo, obra de doidos como Bentham, criminosos como Babeuf e doentes como Owen, é apregoada como appoiada pela sciencia. Ora, ha aqui uma distincção velha a fazer sobre o que seja sciencia. O erro da maior parte está em suppor que a sciencia se compõe simultaneamente de factos comprovados experimentalmente e das hypotheses que os sabios formulam para explicar qualquer problema. Assim, as formulas de ordem especulativa e metaphysica são consideradas pela maior parte como pertencendo já aos dominios da sciencia. Esse é o erro capital. Ninguem mais que nós ama e venera a sciencia, mas a sciencia dos factos; não podemos acceitar as hypotheses, partam ellas dos sabios mais illustres, até ao momento em que ellas se realizem. Então, e só então é que a sciencia pode recolher mais uma das suas leis.

Os socialistas, os intellectuaes é claro, baseiam o systema em duas leis pseudo-scientificas: as leis economicas e as leis sociaes. Nenhuma d'essas leis pode ser ainda experimentalmente comprovada; no fundo são méras hypotheses, apresentadas a medo primeiro, bem acolhidas pelo publico depois, e em seguida adquiridas como verdades scientificas. O que são a *lei de bronze*, de Lassalle, e a *lei do equilibrio social*, de Malthus? Simples opiniões de caracter individual acolhidas como uma verdade scientifica por uma parte da humanidade.

Nas *Origens do Socialismo* procuramos estudar o melhor que pudemos primeiro o movimento precursor do socialismo e depois analysar as doutrinas dos fundadores, nos seus processos e nas suas theorias. Estes dois elementos habilitam o leitor a fazer uma synthese do systema socialista; e essa synthese, se deduzida com logica, elucidal-o ha sobre a natureza do *perigo vermelho* que ameaça a sociedade nos seus fundamentos, pretendendo substituir-lhe uma anarchia insustentavel e um regimen refractario a todos os principios da moral.

I

Os precursores

Malon, no *Socialisme intégral*, faz remontar o comunismo socialista á chamada idade de ouro, que vive nas crenças e nas tradições de todos os povos. Obj-

ctar se-ha que o que se pretende, n'esse caso, é um regresso aos tempos primitivos, e ha, por isso, direito a formular a pergunta: se é possível a nova idade de ouro apregoadá pelos socialistas, com todos os progressos realisados na especie desde o começo do mundo, progressos que tem concorrido, todos, sem excepção de um só, para individualisar as vontades, as energias e os caracteres. O communismo teve certa popularidade e foi seguido por algumas classes da antiguidade; os sacerdotes dos primitivos cultos egypcio e grego viviam no communismo mais perfeito. Os philosophos da Grecia que viveram antes de Platão, entre outros Epicuro e Pithagoras, estabeleceram, o primeiro o collectivismo representado pelo auxilio ao proximo prestado por toda a sociedade, o segundo o communismo, pela doutrina de que tudo entre amigos devia ser commum—o que hoje se chama a socialisação dos bens.

Mas, verdadeiramente, é Platão o primeiro precursor do socialismo. O philosopho grego suppoz possível alargar o communismo particular de Epicuro e Pithagoras, entre classes, á cidade, ao paiz. No seu livro da *Republica* divide-se a sociedade em quatro castas, como a raça hindu. Essas castas são: a dos magistrados e sabios, a dos guerreiros, a dos mechanicos, lavradores e commerciantes e a dos escravos. Platão começava o seu systema por só admittir o communismo nas duas primeiras classes. Era a pretensa egualdade social estabelecida sobre uma desigualdade. A theoria moderna e immoralissima do amor livre tem aqui o seu primeiro esboço; na classe dos guerreiros, as mulheres são communs. O espirito da epoca podia desculpar ou attenuar esta prostituição admittida e forçada, porque só mais tarde o christianismo levantou a dignidade da mulher; mas justificá-la e admittir-a hoje seria o regresso á irrationalidade completa dos animaes entre os quaes a fema é procurada instinctivamente para a posse, sem que o espirito se preocupe com a intuição do lar e da familia. Das theorias expostas no livro de Platão destacaremos, como as mais repellentes, o sacrificio dos fracos ao nascerem, a limitação forçada da população pelo exterminio e a prostituição da mulher decretada para a casta dos guerreiros. Platão, influenciado pelas ideias de Sparta, começava o nivelamento social tão preconizado pelos socialistas por estabelecer quatro classes, não lhe permittindo a endósmose, isto é, a transição d'uma para outra em certos casos. Depois da *Republica*, Platão escreveu as *Leis*, onde se aperfeiçoam as ideias expostas no livro anterior, sem lhes tirar o seu character repugnante. Porque é que o mais notavel philosopho da antiguidade grega pretendeu estabelecer o regimen social do communismo? A necessidade de reformar é propria dos espiritos atormentados e inquietos; e adquire ás vezes um tal character de acuidade que degenera em mania. Platão foi um maniaco, no melhor sentido da palavra; e as escamas ter-lhe-hiam cahido dos olhos se tivesse assistido á desillusão do seu discipulo Plotino, que quiz fundar a republica do mestre n'uma cidade de Campania e soffreu um completo desastre.

Damos agora um salto enorme por sobre o perfeito communismo christão dos primeiros seculos, sobre as seitas communistas e hereticas dos Patharinos e Vaudenses na França, dos Livres-Espiritos na Belgica, dos Senegarianos na Italia, dos Nestorianos na Armenia. Passaremos tambem em claro, pela sua nimia importancia, por sobre as tentativas communistas dos mais ardentes partidarios da Reforma—Wickeff, Huss, Ziska, Munzer e Leyde. E notaremos, de passagem, as affinidades iniciaes do protestantismo com o socialismo communista, do protestantismo que inundou a Europa

de sangue e foi, durante dois seculos, o fautor de todas as desordens e violencias.

E' no seculo XVI que se tem de procurar o successor directo de Platão e dos philosophos da escola grega. Esse successor é Thomaz More, protestante inglez, que estabeleceu um novo systema de communismo. Mas parece que elle proprio não acreditava muito no que expunha, pois que ao livro onde condensou os seus ideaes chamou com simplicidade *Utopia*. More fére, primeiro do que ninguem, a corda da realidade, do mal estar geral, para depois escolher o caminho que melhor lhe parece; dá assim o *leit-motiv* aos seus successores que se limitam á critica negativa, mas raras vezes se atrevem, como aquelle patriarcha do socialismo, á reconstrucção da sociedade futura. More quer, em primeiro lugar, a abolição da propriedade, e estabelece, antes de Proudhon, que a propriedade é um roubo. Como justifica o chanceller inglez esta medida tão radical? Justifica-a com a affirmacção, infundada, de que a maior parte da humanidade, devido ao direito de propriedade, tem apenas em patrimonio a fome, a miseria e o desespero. Argumentação banal! Que isso não era assim, nem mesmo no seculo XVI, provam-no o isolamento dos protestos, a relativa felicidade das classes baixas, como a classe operaria, que vivia satisfeita, sem conhecer todos os insidiosos systemas com que hoje se especula com a sua boa fé e ignorancia. O povo era ou parecia ser tão feliz que não fez uma só revolução em toda a idade media; a «revolta dos estomagos», indicada por Marx, nunca se fará, porque a caridade e beneficencia tendem a extinguir os casos de miseria absoluta que hoje só isoladamente se dão. Continuemos. More queria verdadeiros impossiveis como base para o seu communismo; desejava até que se regulasse a collocação das cidades, destruindo-se as que estivessem fóra do seu plano, e fundando-se outras, não que obedecessem ás condições climatericas e ethnographicas, mas apenas ás condições de proximidade dos campos. A engrenagem politica do regimen proposto é a republicana; escolhe-se um principe de nomeação vitalicia e revogavel, e é esse quem governa a comunidade. E' banida a propriedade, banidos os direitos que se não possam applicar a todos; os cidadãos, homens e mulheres, moços e velhos, aptos ou não, trabalharão um determinado numero de horas por dia, descançando e dormindo nas restantes. E todos os dias a mesma monotonia, o mesmo cansaço physico e moral, de quem arrasta a vida como uma condemnação! Uma famosa *Utopia*, em summa...

O monge italiano Campanella deve ser tambem contado como um dos precursores do socialismo. A sua *Civitas Solis*, esboço de republica communista que elle tentava estabelecer no seu paiz logo que conseguisse expulsar os dominadores hespanhoes, é antes a obra d'um desequilibrado do que a obra d'um pensador. Emquanto o julgaram um revolucionario, os hespanhoes perseguiram-no, mantendo-o vinte e sete annos na prisão; mas logo que o Papa Urbano VIII viu n'elle o que realmente era, um doido, pediu e obteve a sua soltura. A *Civitas Solis* é um documento curioso do desequilibrio de seu espirito. A sociedade communista seria regida por um padre que se chamaria o Sol e tambem o *Grande Metaphysico*, o qual presidiria a todos os actos, assistido pelo Poder, pela Sabedoria e pelo Amor, que seriam os ministros dos diversos ramos do estado. Os magistrados chamar-se-hiam Magnanimidade, Coragem, Castidade, Liberdade, Justiça, Alegria, Reconhecimento, Moderação, Destreza, etc. Prohibia-se á mulher que se ornasse; seria decretada a lei de Talião; estabelecia-

se para todos a gymnastica obrigatoria feita n'um estado de nudez completa; as refeições deviam ser feitas ao som de musica; os casamentos tinham de se fazer n'um praso fatal; ordenava-se a limpeza e o uso dos perfumes. É tudo isto presidido pelo *Grande Metaphysico!* Um grande magico, é que elle era. Não obstante estes disparates d'uma cabeça esquentada, o socialista Villegardelle, na *Histoire des idées sociales avant la Révolution*, classifica este systema de superior ao de More. Um pouco mais de exagero, e talvez o viessem a adoptar de futuro.

Uma vez lançada a ideia do communismo, ainda que em moldes tão absurdos, os imitadores abundam; tem a espontaneidade de germinação das parasitarias e dos cogumellos. Hall publica o seu *Mundus Alter*; Bacon escreve a *Nova Atlantis*; Barclay fez imprimir a *Arjenis*; e com estes Giordano Bruno, Cardan, Bodin, Telesio, Nicolau de Munster, Savonarola, etc., devaneiam a seu modo a sociedade communista, calcando charramente More e Campanella. Recrutam-se tres excellentes communistas em Restif de la Bretonne, que trovejava contra a *infame propriedade* no seu livro *Os contemporaneos*, onde o absurdo joga as cristas com o inverosimil; em Hobbes, que se singularisou entre os utopistas, sonhando um systema compressivo e absoluto, preconizando o despotismo e a servidão; e em Harrington, esse desgraçado que morreu louco, depois de conceber, na sua *Oceana*, uma d'essas republicas fabulosas onde o communismo é a base da organização estadual.

Cabe aqui fallar, ainda que brevemente, do famoso testamento do cura Meslier, reconhecidamente apocrypho e regeitado por todos os individuos de senso commun. O *Testamento* foi ha pouco vertido na nossa lingua e convem dizer o que é esse celebre libello contra a organização social da sociedade. Em 1760 Voltaire e um grupo de encyclopedistas publicaram esse volume, dizendo tel-o achado no local onde um padre Meslier, inverosimil cura d'uma parochia mais inverosimil ainda, o tinha enterrado em 1690. É singular que o acaso ajudasse tão opportunamente Voltaire, ministrando-lhe o achado d'aquelle apontado de descomposturas na Igreja, no proprio momento em que Voltaire mais empenhado se encontrava em a combater. Claro que ninguem acreditou, nunca, na authenticidade d'um achado tão opportuno; attribuiu-se, e com razão, a Voltaire a invenção do famoso documento. Estava reservado ao jacobinismo portuguez a triste gloria de dar relevo e authenticidade ao documento apocrypho. Malon inclue Meslier, esse ente imaginario, no numero dos precursores socialistas, por causa de certas passagens do seu livro relativas á questão social. E essas palavras, que só os factos posteriores a 1690, data do *Testamento*, podiam dictar, servem ainda para negar toda a authenticidade ao libello. O que ha de mais importante n'aquella obra apocrypha é a ideia das communidades economicas, esboço do que hoje se chama o socialismo agrario. Meslier, ou antes, Voltaire, quebra lanças pelo amor livre e suppõe a dissolubilidade do casamento uma conquista da liberdade! Como entre os mais baixos seres do mundo animal, o macho procuraria a femea para o cio; os filhos abandonar-se-hiam á communidade, que tomaria conta d'elles.

Depois do falso Meslier, o professor Morelly, grotesco nas suas affirmações communistas, vem reatar a cadeia dos precursores do socialismo. É este é tão authentico precursor como verdadeiro alienado. Morelly publica um *Codigo da Natureza* onde expõe o seu systema que se reduz a «achar uma situação na qual se

tornasse quasi impossivel que o homem fosse depravado ou malvado». Uma pessoa de bom senso diria immediatamente que essa situação estava achada no dia em que os povos regressassem á fé perdida, á moral christã. O problema só pôde ser resolvido pela moral. Mas Morelly, incorrigivel utopista, não o pensava assim; quiz fazer do problema social um problema de legislação. E cáe no ridiculo quando começa a legislar sobre o aleitamento dos filhos pelas mães, sobre a formação dos exercitos agricolas, sobre a subdivisão decimal das tribús e communas. etc. Na questão moral Morelly apresenta soluções de todo o ponto inaceitaveis; e foram essas soluções que inspiraram Fourier, como mais adeante veremos.

No intervallo entre Morelly e Babeuf, o mais ousado dos precursores socialistas, rebentou a revolução franceza. Uma das uteis consequencias da revolução foi a de fechar a bocca aos socialistas, adormecendo-lhe no cerebro as peregrinas theorias que temos vindo exposto. Se a revolução vem mais tarde, os males causados teriam sido maiores. A revolução fel-a a burguezia; annos mais tarde entraria em scena o quarto estado, entregue ás mãos de criminosos e doidos, como Babeuf, Saint Simon e Fourier, e os excessos d'essa gente, capitaneada por utopistas a quem doutrinas erradas tinham fanatisado, seria mais para lamentar. Apesar de tudo, alguns dos homens que desempenharam maior papel na revolução tinham accentuadas tendencias socialistas.

Marat, por exemplo. Ao observador mais attento e de espirito mais disciplinado, Marat, esse hediondo personagem que fica tristemente celebre nos annaes da revolução franceza, foi um socialista. Elle imaginára um systema de hypocrita felicidade geral e teve, por momentos, na mão os meios de o fazer triumphar. Se o implacavel punhal de Carlota Corday não lhe pôe termo á vida, quando o sanguinario jacobino tomava tranquilamente o seu banho, quem sabe em que é que Marat teria convertido a revolução franceza? Vivendo em uma epoca de crise, soube impor-se pela propria audacia das suas violencias. A sua ideia consistia em transformar a face do mundo com a ajuda da guilhotina, esse ultimo argumento da eloquencia fogosa de então. O pretenso amor pela humanidade d'este histrião popular suggeria-lhe a ideia de erguer os miseraveis sobre os cadaveres dos ricos recalcitrantes; n'uma palavra, exterminar uns para que os outros podessem gosar livre e exclusivamente. Era, como se vê, um vasto plano humanitario que não pode desdourar os socialistas contemporaneos. Não prégam elles as mesmas doutrinas? O nivelamento social - eis tudo. Mas como nivelar uma sociedade onde existem differenças de qualidades, de virtudes, de intelligencias? Só cerebros doentes, d'esses cujas taras Lombroso estabeleceu, podem conceber a possibilidade monstruosa do nivelamento integral.

Depois de Marat, Babeuf; depois do sanguinario jacobino, o agitador e conspirador. Babeuf, puro representante do socialismo nascente, merece que lhe consagremos um pouco mais de espaço. Seriamos injustos se nos restringissemos a algumas indicações ligeiras, quando se trata do homem que inspirou todos os fundadores do socialismo. Babeuf, um dos personagens mais modernos de que a historia faz menção, quiz proseguir no ideal d'uma demagogia imbecil através de ondas de sangue. A sua conspiração, os seus projectos, os longos debates em que se tem arrastado a sua vida, todos os incidentes d'uma carreira que se pôde estudar nos documentos do processo enviado ao Directorio, na *Conspiração de Babeuf*, feita por Buonarroti, seu cum-



Morte de Sisara

plice; no *Babœuf et le Socialisme* por Eduardo Fyleur — tudo isso demanda analyse demorada e attenta.

Babœuf, que nascera em 1762, exercia uma profissão manual na Picardia; e, muito exaltado pelas leituras incendiarias com que tinham inundado a França, começou a collaborar no *Correspondant Picard*, publicando depois uma brochura com o titulo *Petição sobre os impostos*. N'esse trabalho pretendia, fundando-se na proclamação dos direitos do homem, a abolição de todos os impostos, e esta brochura, exaltada e exagerada apaixonadamente, levou-o á prisão. Marat, ministro jacobino, admittira-o a collaborar no *Ami du peuple*, e a sua influencia libertou Babœuf da prisão quando a Bastilha cahiu. Não foi esta a unica prisão soffrida e d'oravante veremos o patriarcha mais citado do socialismo passar a vida a entrar e a sahir das priões. Em 1793 é preso novamente, mas d'esta vez, por delicto mais grave: uma falsificação. Fugiu do carcere e foi condemnado por contumaz. A condemnação parece não ter tido resultado pratico, porque n'esse mesmo anno Babœuf reentrava em Paris, accusava as auctoridades de terem organizado a fome e fez enviar á guilhotina o presidente da commissão administrativa da cidade, que fôra seu amigo e que tudo lhe confiava! Porque motivo Babœuf, tinha artes de se escapar sempre ás condemnações? O historiador Paulo Janet, nas *Origines du Socialisme*, accusa-o de estar combinado com Fouché, chefe da policia, que o empregava na qualidade de espião.

Segundo Cabet, foi Babœuf o inventor do terrorismo; manchou muitas vezes as suas mãos em sangue humano; mas a 9 de thermidor a situação muda e ahí encontramos Babœuf, sem escrúpulos e sem caracter, convertido no mais ardente adversario do terrorismo. Fun-

da um jornal moderado, o *Journal de la liberté de la presse*; em 1794 uma reviravolta do seu espirito, ou o interesse dos lucros, leva-o a substituir esse periodico pelo *Tribun du peuple*, pasquim onde se excitava a população á matança, com o que perdeu até a propria amizade de Fouché. Quando os excessos revolucionarios se iam extinguindo, em 1796, Babœuf, residente de club, marchava á frente d'uma fracção democratica importante. Os seus adherentes eram numerosos, resolutos, emprehendedores. Designavam-nos com o nome de *babouvistes*. Estes homens, ultimos destroços do Terror, para os quaes o 9 de thermidor éra uma data de dôr e de opressão, queriam estabelecer a egualdade absoluta, apesar das leis inultrapassaveis da natureza, e a liberdade democratica, apesar das condições de então. Os seus chefes reuniam-se algumas vezes n'um local que elles chamavam o Templo da Rasão; cantavam ahí estrophes sobre a morte de Robespierre e deploravam a escravidão do povo, mais emancipado do que nunca.

Mignet, na *Histoire de la revolution française*, traça assim o retrato de Babœuf: «Era um homem ousado, d'uma imaginação exaltada, d'um extraordinario fanatismo pela democracia e que possuia uma grande influencia no seu partido. Preparava, no seu jornal, o *reinado da felicidade commum*.» Já vamos ver a que se reduziu esta promettida felicidade e como Babœuf a queria atingir. O seu sonho dourado era o fazer uma vasta conspiração, e essa conspiração, devaneada na prisão de Plessis, encontrou occasião favoravel no periodo agitado que corria. No complôt entravam todos os seus amigos e partidarios; Malon, no *Socialismo Integral*, calcula em mais de dezeseete mil os sanguinarios exaltados que ella lançou contra o estado.

(Continua).

DE TUDO UM POUCO

Um amigo fiel

Durante a ultima revolução franceza aconteceu ser chamado um padre para confessar um doente. Dois homens mascarados fizeram-no entrar n'um carro e, vendando-lhe os olhos, conduziram-no a um dos mais remotos bairros da cidade, introduziram-no no quarto do enfermo moribundo e deixaram-no só com elle.

Acabada a confissão, os dois mascarados agarraram o padre e levaram-no para um subterraneo; ali, apontando-lhe uma pistola ao peito, intimaram-no a revelar o segredo da confissão. O padre escusou-se e pediu somente cinco minutos para encomendar sua alma a Deus.

Ouvindo esta resposta tão digna, os dois mascarados guardaram as armas, conduziram o padre até á carruagem e foram por o em casa. Pelo caminho disseram-lhe que o tinham submettido aquella prova, afim de se assegurarem de que elle guardaria segredo, dizendo-lhe então que, se o tivesse revelado, teria sido morto.

—Mostraes, respondeu-lhe o padre, que não conheceis a virtude do Sacramento nem o que é o sacerdote catholico.

Trechos escolhidos:

Qual novo Orestes entre as furias brada,
Infeliz, que não crê no Omnipotente;
Com systema sacrilego desmente
A razão luminosa, a fé sagrada:

Tua barbara voz eguale ao nada
O que em todas as cousas tens presente:
Basta que o sabio, o justo, o pio, o crente
Louve a mão, contra os maus do raio armada:

Mas vê, blasphemo atheu, vê, monstro horrendo,
Que a bruta opinião que cêgo expressas,
A si mesma se está contradizendo:

Pois quando de negar um Deus não cessas,
De todo o inerte acaso auctor fazendo,
No acaso, a teu pesar, um Deus confessas:

Bocage.

Calendario:

Junho
30
1902

Em 30 de Junho de 1554 morre d'um naufragio, no Atlantico, quando regressava do Brazil a Portugal, o sabio padre Leonardo Nunes, S. J. Era um sacerdote de reconhecido merito, muito intelligente e virtuoso que honrou a sua ordem e a sciencia.

Ignora-se ao certo a data do seu nascimento, mas supõe-se que nascesse pelos fins do seculo decimo quinto. Per aquelle tempo a febre das descobertas apoderara-se de todos. Ia um enthusiasmo indiscriptivel por todo o reino, com a noticia das conquistas que dia a dia se realisavam nas regiões remotissimas, tanto tempo occultas á curiosidade dos europeus.

Em 1500, um portuguez, Pedro Alvares Cabral, põe pé nas terras de Santa Cruz.

A nova colonia não tardou a ser explorada. O seu primeiro governador foi Thomé de Souza, que, quando para ali partiu a tomar posse do logar que a confiança regia lhe outorgára, se fez acompanhar de cinco missionarios, entre os quaes se contava o Padre Leonardo Nunes.

A colonisação tinha de ser feita pela identificação dos usos e costumes das duas raças, a europeia e a indigena. Essa identificação requeria conhecimentos especiaes do viver d'aquelles povos. N'essa Missão o Padre Leonardo

Nunes deitou-se affincadamente á tarefa de se assenhorear do idioma tupi, que era o fallado por aquelles povos, fornecendo os elementos para que, mais tarde, um outro sacerdote portuguez construísse a primeira grammatica n'aquelle idioma.

O Jesuita Leonardo Nunes foi um dos que maior prestigio e influencia exerceu nos indigenas.

Notas de sciencia:

Verificou-se agora que a alimentação carnívora é superior á granívora para conseguir que as gallinhas ponham ovos em maior numero e de dimensões extraordinarias.

Os ensaios feitos em França por Frederico Houssays attestam que uma gallinha alimentada com milho põe 127 ovos que pesavam 6 kilos, ao passo que alimentada com carne põe de 153 a 156 ovos, que attingem um peso de mais de 10 kilos.

O ovo das gallinhas granívoras pesa em termo medio 55 grammas e o das carnívoras de 58 a 59. O sabor dos ovos postos pelas gallinhas carnívoras não differe em nada dos outros.

O mesmo resultado se consegue alimentando as gallinhas com o systema mixto de milho e carne. Este trabalho de physiologia experimental merece a pena ser estudado nas explorações agricolas.

Pensamentos:

Nunca se deve tentar, sem grande esperanza, ou grande necessidade, a fortuna das acções duvidosas ou manifestamente nocivas. O que deu logar a que um politico dissesse que, quem vê o perigo e não foge, merece cahir n'elle.

—Assim como todas as plantas não produzem bem em uma só terra, da mesma sorte os homens em um só logar, pelo que devemos trabalhar tanto quanto nos tôr possivel até descobrir um terreno em que possamos vegetar e luzir.

—Costumava dizer um ministro que toda a lei manda que qualquer delicto se castigue e assim que para emendar ou castigar os delinquentes, não bastando as admoestações nem os exemplos, era necessario passar aos remedios mais fortes, como são a vergonha, o desterro e a morte. (1)

Curiosidades:

M. Mily, um sabio francez, acaba de encontrar, n'um manuscripto grego inteiramente desconhecido até hoje, informações curiosas sobre a torre de Babel. Distava noventa e quatro kilometros da Babylonia e constava d'um envasamento de cento e oitenta e quatro metros de lado e setenta e cinco pés d'altura.

No meio, eleva-se uma torre quadrada, formada de seis andares sobrepostos, encimados por um pequeno santuario. Estes andares tinham sessenta e sete metros de elevação.

Subia-se ao santuario por uma escada d'oiro e prata, composta de trescentos e sessenta e cinco degraus que representavam os dias do anno. Divididos pelos sete andares, correspondiam aos sete dias da semana e davam cinquenta e duas semanas a cada anno.

Nada ha já que os sabios não tenham descoberto. E

(1) Estes pensamentos e outros que havemos de publicar são extractados d'um livro muito curioso e raro, do seculo XVIII, intitulado *Aforismos moraes e instructivos aonde se acha recreio honesto para toda a qualidade de pessoas*. Alguns são muito interessantes e dão-nos a medida do criterio da epoca,

tambem pouca gente existe que não zombe já d'estes amáveis sabios que nos impingem, por verdades authenticas, as maiores ballelas.

Humorismos:

Uma creança estava pedindo esmola á estatua de Camões.

— Para que fazes isso? perguntaram-lhe.

— Para me costumar a que me não deem.

AS NOSSAS GRAVURAS

Santos Marcellino e Pedro, martyres

São dois Santos que tem a sua festa no dia 2 de junho; o primeiro era Padre da igreja de Roma, em fins do terceiro seculo, o segundo era exorcista, e ambos muito virtuosos e distinctos. A fama dos seus milagres atrahiu sobre elles a colera dos romanos que os mandaram encerrar em infectos calabouços, onde os submeteram á tortura.

Um anjo porem entrou de noite no calabouço onde estava S. Marcellino, partiu seus grilhões, mandou-lhe vestir os habitos e o levou para a prisão onde estava S. Pedro, e, tendo tambem livrado a este, conduziu-os de novo para junto dos christãos. E' este o acontecimento que a nossa gravura representa.

Mas os romanos capturaram sem demora os dois Santos e condemnaram nos a ter a cabeça cortada, o que os encheu de alegria porque esperavam subir assim, mais cedo, á presença de Deus.

Como temiam os subditos de Diocleciano alguma sedição, dispozeram se as cousas para os martyres serem executados a uma legua de Roma, em um bosque que então era chamado a Floresta Negra e que, mais tarde, por causa d'estes Santos Martyres, foi chamado a Floresta Branca.

Ahi receberam elles a corôa do martyrio no anno de 304. Os seus corpos foram lançados n'uma caverna onde ficaram occultos, até que uma santa mulher, chamada Cucilla, tendo sido avisada por elles em revelação, os retirou d'alli para lhes procurar uma sepultura decente.

As reliquias de S. Marcellino e de S. Pedro foram transportadas de Roma em 826, no reinado de Luiz, o Pacifico, para Michelstat na Allemanha, e d'aqui para Mulintheim no anno seguinte, para a abbadia que se chama hoje Selingstad.

Morte de Sisára

Sisára era um guerreiro temivel, general dos chaneus, que Jubin, seu rei, enviára a combater os filhos de Israel. Debora, inspirada pelo Senhor, projectou destruir os chaneus e matar o seu famoso general; e assim ordenou a Barac, israelita, que fosse ao encontro de Sisára, á torrente do Cison, onde ella lhe entregaria o guerreiro.

Barac não quiz entrar na campanha sem ir acompanhado pela prophetisa. Ambos desceram, pois, o monte Thabor, acompanhados de dez mil homens; mas não tiveram necessidade de atacar o inimigo porque o Senhor encheu de terror Sisára e os seus, e todos elles fugiram em debandada, escapando poucos ao ferro dos israelitas.

Sisára, que fugira tambem para Cedés, entrou na tenda de Haber Cinen e pediu hospitalidade a sua mulher Jabel, a quem supplicou que o não denunciase.

Jabel, commovida a principio pela sorte de Sisára,

que havia pouco era tão poderoso e agora se achava reduzido a sollicitar a protecção d'uma pobre mulher, fez o que o desditoso general lhe pedia. Trouxe-lhe uma taça de leite e dispoz-se a vigiar a entrada da tenda enquanto elle dormia. Mas, quando o viu mergulhado em profundo somno, considerou que o unico meio de ter certa a sua salvação e a da sua familia, era entregar o aos vencedores.

Pegou n'um grande prego e n'um martello, entrou suavemente sem fazer ruido, poz o prego na frente de Sisára, bateu-o vigorosamente com o martello e cravou-o tão profundamente no craneo do general que a ponta foi enterrar-se no chão.

Assim passou Sisára do somno para a eternidade.

Debora celebrou a derrota do general n'um famoso cantico, cujo tom sublime, diz Bossuet, excede o da lyra de Parnaso, de Alceu e de todos os poetas da antiguidade.

CHRONICA SOCIAL

O "Volksverein,"—Liga d'acção social

(Continuação)

4.º A direcção da associação pertence a um conselho, composto de 7 membros pelo menos, escolhidos por um anno por uma assembleia geral e reelegiveis. A assembleia geral nomeará os dois presidentes. O conselho escolherá nos socios o secretario e thesoureiro. O conselho tem o direito de co-opção.

5.º O conselho vela pelos interesses geraes da Associação; em particular, occupa-se do funcionamento das assembleias geraes e das assembleias particulares.

Occupa-se igualmente da redacção e diffusão de brochuras e jornaes (*Flugschriften*). Emfim, fiscalisa o pagamento das quotisações e gére os fundos da associação; todos os annos, na assembleia geral, deve ser presente um balanço financeiro.

6.º O conselho pode, no interesse da associação escolher um representante ou agente (*Geschäftsführer*) n'uma diocese ou uma região.

7.º O domicilio legal da Associação é em Mayença. Se houver dissolução é a assembleia geral quem decidirá! Em caso de dissolução, o conselho deve pronunciar-se sobre o emprego dos bens da Associação.

Tal é, textualmente traduzido, o regulamento geral do *Volksverein*. Mas, para se fazer uma ideia exacta do funcionamento da Associação popular, parece nos indispensavel um complemento de informações.

Estas informações serão extrahidas dos bellos estudos de mgr. *Kannengieser*, bem como d'um tratado espalhado na Allemanha por milhares de exemplares. Este tratado tem por titulo: *Nas ist der Volksverein fur das Katosliche Deutschland, was hat er bisker getkam?* isto é, *O que é a associação popular para a Allemanha catholica e o que tem feito até aqui?* Servir-nos-hemos tambem d'um pequeno *Manual* (1) que o *Volksverein* acaba de publicar para uso dos seus amigos e propagandistas.

Comecemos, em primeiro logar, pela cabeça da Associação. Vimos que o *Volksverein* é dirigido por um conselho. Este é actualmente presidido por M. F. Brandts, grande industrial, e conta entre os seus membros, Trimborn, advogado em Colonia, Elkan, thesoureiro e banqueiro em Colonia. O secretariado está confiado a dois pa-eres

(1) *E. f. Handbuch für die Freunde und Förderer des Volksvereins für das Katosliche Deutschland*, publicado em 1901 pela sede central do *Volksverein*, em Munchen Gladbach.

eminentes, os doutores F. Hitze, deputado e professor da Universidade de Munster e A. Pieper. Este ultimo tem o titulo de secretario geral; reside em Munchen Gladbach e pode dizer-se que, com o seu mestre, o professor Hitze, é a alma da grande Associação. O doutor Pieper não é sómente um organisador de merito, é tambem um orador de talento, provando no ultimo congresso de Crifeld que sabia interessar um auditorio popular, mesmo em questões de algarismos.

Os outros membros do conselho directo pertencem ás categorias socias mais diversas; encontram-se n'elle muitos advogados, ecclesiasticos, negociantes, jornalistas, notabilidades da aristocracia e numerosos deputados.

A caracteristica administrativa do Volksverein parece-nos ser uma opportuna descentralisação e uma notavel simplicidade de funcionamento.

Avalie-se pelo que vamos contar. Para cada diocese ou região, ⁽¹⁾ o conselho escolhe um representante (um *Diozesanvertreter* ou um *Landsvertreter*) que está com elle em relações directas e constantes. Este representante tem sob a sua direcção diversos agentes (*Geschäfts fuhver*) mais especialmente encarregados d'um districto ou d'uma cidade. Enfim, na ultima escala da hierarchia da dedicação a esta associação, encontram-se os homens de confiança (*Vertrauens maenner*.) Estes, dois ou tres por parochia, trabalham em recolher adhesões novas, recebem as cotisações dos membros aos quaes entregam, em troca, os diplomas de societarios, e distribuem finalmente os livros e tratados de propaganda.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Interior

A politica arrasta-se na podre calmaria de verão, sem interesse e sem originalidade. Não ha assumpto, não ha intrigas—nada do que pode interessar os leitores, avidos de pormenores ineditos. Apenas na Madeira se deram uns casos eleitoraes escandalosos e é á volta d'elles que a imprensa se vem degladiando, uns jornaes com mais razão, outros com menos razão; mas, no fundo, todos revelam a quasi insignificancia do caso, vulgar nos annaes dos ultimos annos da nossa historia politica. Em Paris assignou-se o convenio, e já não é sem tempo. Nem merece a pena dizer que o paiz se não importou nada com isso, porque não ha povo mais desinteressado dos seus destinos do que este. O que nos sustenta ainda é a força da inercia. Em ella nos faltando, afundamo-nos irremediavelmente...

As colonias estão agora na ordem do dia, por causas varias que vamos enumerar. O ministro da marinha publicou recentemente o orçamento colonial para o futuro anno economico. Cá nos apparece um *deficit* apenas de treze contos. Ora ha quatro annos ainda o *deficit* era de mil contos e não se comprehende como elle, em tão pouco tempo, diminuiu. E esta incomprehensão accentua-se quando sabemos que as colonias não teem prosperado e que algumas d'ellas até teem descahido da sua antiga importancia. S. Thomé é a unica colonia prospera que possuímos. Angola está entregue a uma crise gravissima; o gentio acaba de revoltar-se no Bailundo, e tudo contribue para a decadencia. Na ordem moral, os nossos missionarios, tão poucos, não são efficazmente ajudados pelo po-

(1) Conforme as regiões da Alemanha, o Volksverein adoptou como quadros territoriaes da sua administração ou as circumscripções ecclesiasticas, ou as circumscripções civis.

der central; e os missionarios protestantes começam a ganhar terreno á sombra da nossa imprevidencia. Em taes circumstancias não admira que estejamos destinados a desapparecer como paiz colonial.

S. João foi este anno festejado com o tradicional brilho, tanto aqui como no resto do paiz. N'esta cidade e em Braga é onde os festejos ao glorioso precursor assumem maior intensidade. As illuminações foram brilhantes, apresentando toda a cidade um lindo aspecto. As tradições, no nosso paiz, são um poderoso esteio da vida nacional. E as tradições religiosas são entre nós as maiores, as mais bellas, as mais sympathicas. Palpitam na alma do povo, apagam a sua rudeza ingenita, melhorando os costumes e derramando a virtude. Quantas tradições e piedosas lendas não andam ligadas, no nosso paiz, ao bom S. João, o milagroso, o protector, o santo amavel que no céo intercede por nós todos junto d'Aquelle de cuja doutrina dulcissima foi precursor?

Exterior

Eduardo VII devia ter sido, esta semana, coroado rei da Inglaterra e imperador das Indias. Mas estava escripto que a cerimonia não se realisaria logo depois da paz, como pretendia Chamberlain. Os rumores, mais ou menos graves, da enfermidade do rei da Inglaterra acabam de ter uma dolorosa confirmação: Sua Magestade britannica soffreu no dia 24 uma delicadissima operação cirurgica de cujas consequencias é difficil prognosticar. No dia 21, ao que parece, Eduardo VII achava se n'um estado de saude tão satisfatorio que se esperava poder levar a cabo a solemnidade da coroação sem nenhum contratempo. Na segunda-feira, 23, porém, Sua Magestade peorou. Impoz-se como necessidade inadiavel a extirpação de um tumor no intestino grosso. Consta que a operação correu bem, supportando-a o rei com muita coragem. A noticia da enfermidade produziu a maior sensação em toda a Inglaterra. As festas foram adiadas indefinidamente. Grande multidão consternada, em volta do palacio de Buckingham, espera ansiosamente noticias. O rei, após a operação, conciliou o somno. A' data dos ultimos telegrammas o seu estado era satisfatorio, o que é motivo de regosijo para todos.

De Roma informam que o Santo Padre recebeu ultimamente o primeiro ministro do Commonwealth (Confederação australiana) e Edmond Barton, *minister of defence* (ministro da guerra). Ambos vieram á Europa para assistir á coroação de Eduardo VII. Mas aproveitaram a estada em Roma de Sua Eminencia o Cardeal Moran (Arcebispo de Sydney) para se fazerem apresentar ao Summo Pontifice. E' de notar que n'este proprio momento uma commissão americana está em Roma para tratar com o Vaticano da questão das Philippinas. Não vem fóra de proposito sublinhar estas boas relações da Santa Sé com as nações fortes e vigorosas, tão avançadas na via do progresso economico. Ambos os illustres australianos receberam de Leão XIII o mais cordeal acolhimento; e deixaram o Santo Padre muito impressionados pela affabilidade cheia de distincções com que foram recebidos.

Varias—O numero dos catholicos na India e no Ceilão eleva-se a 2 235:934, havendo 1:172 sacerdotes indigenas e 848 missionarios europeus. O clero indigena compõe-se de 764 sacerdotes provenientes de Gôa e 467 do rito Syro-Malabar.

—Dos 58 membros de que se compõe a segunda camera do Parlamento hollandez, 25 são catholicos. No ga-

binete da rainha ha tambem tres catholicos. São notaveis os progressos da fé na Hollanda durante os ultimos 50 annos. Segundo o ultimo recenseamento, ha nos Paizes Baixos 3.000.000 protestantes, 100.000 judeus e 1.700.000 catholicos.

—O rev. Arthur Whiteombe Taylor, B. A., de Worcester College, Oxford, ainda recentemente capellão do bispo anglicano de Rangoon, foi recebido no seio da Igreja catholica e confirmado por Monsenhor Merry del Val, arcebispo de Nicéa, na capella da «Academia dei nobili Ecclesiastici», em Roma.

BIBLIOGRAPHIA

O convenio, discurso proferido na sessão de 10 de maio de 1902 pelo digno par Jacintho Candido.

O sr. conselheiro Jacintho Candido publicou agora em folheto o eloquente discurso que em camaras proferiu contra o convenio. E' uma soberba peça oratoria, testemunho da intelligencia do illustre chefe nacionalista. Esse discurso, que revela completamente o que é o convenio e quaes os encargos que elle nos acarreta, conclue da seguinte forma: «Do convenio não fica, pois, nada de bom para o paiz. Fica um regimen, permanente e irrevogavel, de garantias para os credores externos somente, com detrimento dos credores internos, e fica o augmento dos encargos a onerar o Thesouro Publico. O que ha, pois, a fazer? Visto que se não fez o que se devia fazer, que era começar pela regularisação da nossa situação financeira interna, e pela realisacção do equilibrio orçamental, que ao menos se faça agora, e desde já, esse indispensavel trabalho. É preciso reduzir impiedosamente as nossas despezas, supprimindo todas as que são superfluas e dispensaveis. Esta é a norma a seguir, inflexivelmente.» Agradecemos ao auctor o exemplar recebido.

*

—Recebemos o fasciculo 131 da *Encyclopedia Portu-gueza Illustrada*, excellente dictionario que fica sendo o primeiro do paiz. A caderneta que temos á vista comprehende 595 artigos e 18 figuras (*Emancipado a Emin-pachá*). Entre os artigos mais notaveis d'este fasciculo citaremos: *Emancipação*, do snr. dr. João de Paiva; *Emburbacem* do snr. Cons. Francisco da Paula Cid; *Embargo*, do snr. dr. Domingos Ramos; *Embryão* dos snrs. drs. Clemente Pinto e Julio Henriques; *Emil a das Neves*, *Emil a Eduarda* e *Emilia Letroublon* do snr. Firmino Pereira.

Continua a assignar-se este magnifico dictionario em todas as livrarias e no escriptorio da empresa Lemos & C.^a, successor, Largo de S. Domingos, 63-1.^o

—Recebemos tambem o fasciculo 19 do *Diccionario Apologetico da Fé Catholica*, valioso e admiravel trabalho do P. Jaugey, que o snr. Antonio Dourado, conhecido editor catholico, está publicando. O traductor é o snr. P. Leite de Faria, professor no Seminario de Guimarães.

Do valor d'esta obra sobejamente conhecido, só nos resta dizer, que mereceu do ex.^{mo} Bispo d'esta diocese a sua approvação canonica, pelo que muito felicitamos o digno editor.

Os artigos que encerra este fasciculo, são os seguintes: *Eternidade do Inferno* (conclusão), por A. Dupont. *Eucharistia*, por Lahousse S. J. *Evangelhos* (imp rtante artigo dividido em capitulos).

Continua a assignatura aos volumes e fasciculos, sendo estes ao preço de 100 reis, 48 paginas de texto a duas columnas e em typo muito legivel. Editor Antonio Dourado—Rua das Flores n.^o 42, 1.^o—Porto.

—Visitaram-nos dois jornaes novos durante a quinze-na: O *Lagense*, de Lagens do Pico, Açores e *Jornal de Guimarães*, orgão do Centro Nacional d'esta cidade. Com ambos os collegas vamos estabelecer permuta.

—O Centro Eleitoral Nacionalista do Porto publicou agora o seu regulamento approved em assembleia geral em 22 de junho. Consta o regulamento de 58 artigos, redigidos com lucido criterio. Os nossos correligionarios alistados no Centro Nacional que ainda o não possuem podem pedil-o á commissão executiva que o distribue gratuitamente.

—Aparece hoje o primeiro numero d'um novo jornal *O Petardo*. E' um quinzenario de caricaturas e de facecia honesta, creado pelo incançavel apostolo das *Folhas soltas*, o nosso presado amigo Padre Benevenuto de Sousa. A sua redacção, tanto artistica como litteraria, compõe-se de elementos de grande valor. Cada numero d'*O Petardo* custa apenas 10 reis, sendo a assignatura de 300 reis por anno. Cumpre a todos os catholicos auxiliarem esta publicação.

—O nosso presado e querido amigo, Padre Manso, conhecido litterato, está trabalhando n'um novo volume sobre as questões do nosso tempo que deve causar grande sensação no nosso meio litterario.

Esse volume deve sahir por todo este anno.

—Uma nossa assignanta pede a todos os nossos leitores as suas orações para uma necessidade urgente.

—N'um dos ultimos dias teve a amabilidade de nos visitar o nosso particular amigo e correspondente sr. Manuel Francisco Capello, de Urgueira do Jamello. Se bem que inesperada, a sua visita causou-nos grata impressão. Desejamos que tivesse regressado ao seu lar de perfeita saúde e que n'esta mesma situação encontrasse todos os seus.

—Desprendeu vô em direcção ao ceu, na segunda feira 24 do corrente, a innocente Maria Rosa, acarinhada filhinha do nosso presado amigo sr. José Moreira, bem-quisto cidadão, membro do Centro Nacional da freguezia da Victoria, e neta do snr. Antonio Pinto Bessa. No dia do infausto acontecimento realisaram-se os responsos de gloria na capella do Prado do Repouso, revestindo grande pompa e solemnidade.

Presidiu ao acto religioso o rev.^o Domingos Tavares Lage, acolytado pelo rev.^o Miguel Machado e recebeu a chave do pequeno athaude o snr. José Rodrigues Pinto e Pinho. Fez-se representar o Circulo Catholico de Operarios, do qual tanto o pae como o avô da innocente são socios protectores. Foram collocados quatro ricos *bouquets* de flores artificiaes.

Acompanhamos a extremosa familia da pequenina morta na dôr que a feriu.

—Virão este inverno ao Porto, fazer duas conferencias no Circulo Catholico de Operarios, os nossos amigos de Lisboa, dr. Mendes Lages, medico do hospital de S. José e administrador do *Correio Nacional* e Padre Pinheiro Marques, capellão da Escola Academica e jornalista muito distincto.

GOMES DOS SANTOS

A utopia social e a democracia christã

Um bello volume, nitidamente impresso, onde se estudam largamente as relações da Igreja com a questão social. Nenhum dos nossos leitores deixará de possuir esta obra, que é uma contribuição subsidiaria para o estudo da mais importante das questões actuaes.

Preço: 150 reis

Remette-se a quem enviar esta importancia em estampilhas á administração d'este jornal.

LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

- Imitação de Christo.** Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por Monsenhor Manuel Marinho. Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto. Preço: Em percalina, 300 reis. Em carneira com folhas douradas, 500. Em chagrin douradas. 1\$000
- Método de assistir ao Santo sacrificio da Missa.** Obra extrahida da novissima edição da «Imitação de Christo», anotada e confrontada com o texto latino por Monsenhor Manuel Marinho. Obra approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto. Preço: Enc. 100 reis. Broch. 50
- Bernadette** — Soror Maria-Bernarda, por Henrique Lasserre. Vertido da vigesima-segunda edição franceza por A. Peixoto do Amaral. 1 vol. broch. 400
- Flores a S. José.** Meditações para o seu mez ou qualquer tempo do anno com exemplos apropriados, colloquios, etc. Extrahidas das Sagradas Escrituras, Santos Padres, doutores da Igreja e outros eminentes auctores e coordenadas por A. L. F. Obra approvada e indulgenciada 2.^a edição. Preço: encadernado 200
- Cartas Encyclicas de Sua Santidade Leão XIII**—4 vol. Broch. 2\$000. Enc. 2\$500
- Vieira-Prégador** pelo rev.^{mo} Padre Gonzaga Cabral. 2 vol. broch. 2\$000
- Vida, virtudes e milagros** do B. João Grande. 1 vol. broch. 500
- Historia de Santa Chantal.** 2 vol. enc. 2\$000
- Historia de S. Francisco de Assis** por J. M. S. Daurignac. Tradução de M. Fonseca. 1 vol. broch. 600
- Vida Popular de S. João de Deus**—Fundador da Ordem que usa o seu nome e Padroeiro de todos os hospitaes do mundo catholico, pelo Padre Ignacio Maria Maguin, sacerdote da mesma Ordem—Versão do francez pelo Padre J. M. R. S.—Com diversas approvações—1 vol., broch. 500
- As Tres Rosas dos Escolhidos**—Por Monsenhor Ségur—Tradução franceza pelo Ex.^{mo} Sr. Conde de Samodães—Com um breve de S. S. Leão XIII, e approvado e recomendado pelo Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—Terceira edição—1 vol., broch. 200
- A Mãe** segundo a vontade de Deus, pelo Abbade J. Berthier M. S.—Vertido do francez, pelo sr. A. Peixoto do Amaral—1 vol., brochado. 600
- A Santa Montanha de La Salette**—Por A. J. Almeida Garret—Approvado pelo Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400
- Uma Visita a Lourdes**—Pelo Ex.^{mo} Sr. Conde de Samodães—1 vol., broch. 200
- Catholicismo** para uso do povo contra o protestantismo, composto pelo Cardeal Cuesta, Arcebispo de S. Thiago—Approvado pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto, 1 vol., broch. 50
- A Mulher**—Apontamentos para um livro, por A. Severo Catalino, traduzido pelo Ex.^{mo} Sr. Conde de Samodães—1 vol., brochado. 400
- Resumo da Doutrina Christã**—Cóm approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—Cada cento, 1\$000 reis—Um exemplar. 20
- A Questão dos Jesuítas**—Por J. E. da Silva Esteves—4. vol., broch. 600
- O Livro de Todos**—Pelo Abbade J. Berthier M. S.—Vertido do francez pelo sr. A. Peixoto do Amaral—1 vol., broch. 600
- Ladainhas ao Sagrado Coração de Jesus**—Approvadas para toda a Igreja pelo Summo Pontifice Leão XIII, por decreto da S. C. dos Ritos de 2 de abril de 1899. 10
- Forma de se ganhar com especialidade a Indulgencia da Porciuncula**—1 folheto. 50
- Preces** que por ordem de Sua Santidade de Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos, depois das missas rezadas em todas as igrejas do orbe catholico—Tradução approvada pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—Em portugez, 10 reis—Em latim e portugez 50
- Oração** para se offerecer a Sagrada Communhão—Approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. 10
- Relação Geral** das freguezias da diocese do Porto. 1 vol., broch. 300
- Sorrisos d'um velho**—A verdade a rir—O erro chorando.—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—Pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. José Rodrigues Cosgaya—1 vol. Broch. 400
- Vida Popular de S. Vicente de Paulo**, pelo Padre Berbigner, conego honorario de Bordeus e Arcyepreste de Ligorino—traduzida do francez, por M. Fonseca—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400
- A Confissão Sacramental**—Pelo Ex.^{mo} Sr. Padre Manuel Marinho—Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 250
- O Apostolado da imprensa**—**O Apostolado da educação**—**O Apostolado do clero**—Conferencias religiosas que nos domingos da quaresma de 1882, 1883 e 1884, recitou na Sé Cathedral do Porto, Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna—3 vol., broch. 750
- Os Milagros de Lourdes e o seculo XIX**—Considerações sobre os milagres e replicas aos «espíritos fortes» que os põem em duvida pelo padre J. J. G. 100
- Bento José Labre**—Tributo de respeito no seu primeiro centenario, por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400
- Tudo por Jesus** ou caminhos facéis do amor divino, pelo Rev. Padre Frederico William Faber, Superior do Oratorio de S. Philippe de Nery, de Londres, Doutor em Theologia—Obra tradusida do inglez para o francez por M. de Bernhardt e d'es'a lingua para o portugez por F. Preto Pacheco—1 vol., broch., 600—enc. 800
- Jesus Vivo no Padre**—considerações sobre a excellencia e santidade do sacerdocio, pelo Rev. Padre Millet, da Companhia de Jesus. Versão da 3.^a edição franceza, pelo Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvação e recommendação dos Prelados portugezes—Um grosso vol., broch., 700, enc. 900
- O mez dos Finados**—Meditações para todos os dias do mez de Novembro—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 300—enc. 400
- Defesa da Crença Catholica**—(refutação das «Lendas Christãs» pelo sr. Theophilo Braga) por João Manuel de Abreu. 5.0
- Oração Funebre** do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Dr. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo titular de Larissa, Coadjutor e futuro successor de Lamego, recitada nas sollemnes exequias celebradas na igreja do Seminario conciliar de Braga no dia 10 de julho de 1890—P. reço. 250
- Jesuítas e mais alguma coisa**—Estudo pittoresco da Companhia dentro e fóra da grainha, escripto por João Rodrigues da Silva Gandra, Doutor e ex-lente de philosophia, etc., etc., (2.^a edição)—1 vol., brochado. 200
- Os Episodios Miraculosos de Lourdes**—por Henrique Lasserre—Continuação e tomo segundo de Nossa Senhora de Lourdes—Obra prefaciada e vertida em portugez por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães—1 vol., broch. 600
- Formula de Consagração ao Sagrado Coração de Jesus**—Prescripto pelo Santo Padre Leão XIII na Encyclica de 25 de maio de 1899—Tradução approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. Cada exemplar. 40
- Meditações para o mez de Maio**—Pelo Padre Affonso Muzzarelli da Companhia de Jesus, com piedosos e lindos colloquios com a Santissima Virgem para todos os dias, e tocantes exemplos extrahidos das obras de Santo Affonso Maria de Ligorio e de outros bons auctores—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch., 100 reis, enc. 160
- Modo de ouvir missa pelos defunctos** e orações do bom christão—Obra recopilada por A. Peixoto do Amaral—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Vigario Capitular—1 vol., broch., 100—enc. 160
- Historia de S. Francisco de Sales**—Pelo Marquez de Ségur—Traduzida por M. Fonseca—1 vol., brochado. 600
- O mez de Maio**—Consagrado á Santissima Virgem Mãe de Deus—Novo Manual para os exercicios de devoção neste mez, pelo Ex.^{mo} Sr. Conde de Samodães, com a collaboração poetica de Antonio Moreira Bello—Com permissão e approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., enc. 400
- Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—Porto.**
- José Joaquim d'Oliveira**
PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO
103, Rua do Souto, 105—BRAGA
Premiado nas Exposições Industrial
Portuense de 1887, Industrial
de Lisboa de 1888 e Univer-
sal de Paris de 1889
- Fabrica de Jamascos de sêda e ouro, lisos e lavrados; paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.
- Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.